



A SELVA AMAZÔNICA COMO ESPAÇO DE DESLOCAMENTO CULTURAL EM UN VIEJO QUE LEÍA NOVELAS DE AMOR, DE LUÍS SEPÚLVEDA

Tatiana da Silva Capaverde
Dra; Universidade Federal de Roraima;
tatianacapaverde@gmail.com

Patrícia Lima da Silva
Universidade Federal de Roraima
patricialimads7@gmail.com

Vitória Katherynne da Costa Holanda
Universidade Federal de Roraima
vkatherynne@gmail.com

RESUMO

No romance *Un Viejo Que Leía Novelas de Amor* (1989), do chileno Luís Sepúlveda, observa-se a selva como espaço de deslocamento para o personagem Antonio José Bolívar Proaño, que passa a viver na Amazônia equatoriana juntamente com os indígenas Shuar e a comunidade ribeirinha El Edilio. Considerando a trama da obra e as representações nela contidas, o objetivo desse trabalho é analisar o deslocamento do protagonista do romance que encontra na selva amazônica o espaço para sua construção identitária híbrida. A análise partirá da caracterização da selva amazônica enquanto espaço simbólico e do protagonista como migrante, de constituição identitária rizomática que se constitui no entre-lugar (Santiago) e no caos mundo (Glissant).

Palavras-chave: Espaço simbólico. Selva. Entre-lugar. Caos-mundo. Identidade rizomática.

THE AMAZON JUNGLE AS A SPACE OF CULTURAL DISPLACEMENT IN UN VIEJO QUE LEÍA NOVELAS DE AMOR, BY LUÍS SEPÚLVEDA

ABSTRACT

In the novel *Un Viejo Que Leía Novelas de Amor* (1989), by Chilean writer Luís Sepúlveda, the jungle is observed as a space of displacement for the character Antonio José Bolívar Proaño, who goes on to live in the Ecuadorian Amazon along with the Shuar indigenous people and the riverside community of El Edilio.

Considering the plot of the work and the representations contained therein, the objective of this work is to analyse the displacement of the protagonist of the novel that finds in the Amazon jungle the space for its hybrid construction of identity. The analysis will start from the characterization of the Amazon jungle as symbolic space and the protagonist as migrant, also of rhizomatic identity constitution that constitutes in the space in-between (Santiago) and in the chaos world (Glissant).

Keywords: Symbolic space. Jungle. In-between. Chaos-world. Rhizomatic identity.

INTRODUÇÃO

Em 1989, o escritor chileno Luís Sepúlveda (1949-) publica o livro *Un viejo que leía novelas de amor* (1989) traduzido para mais de 60 idiomas. O romance é dividido em oito capítulos e trata da história de Antonio José Bolívar Proaño, um velho de vida simples, casado com Dolores Encarnación del Santísimo Estupiñán Otálavo. O casal se muda para El Idílio, lugar localizado na América do Sul, mais precisamente na floresta amazônica equatoriana. Devido às dificuldades de adaptação e doenças presentes no lugar, sua esposa morre tempos depois. Após esse ocorrido, Antonio Proaño passa a viver com os índios Shuar e torna-se um conhecedor da floresta amazônica. Os deslocamentos do protagonista compõem sua identidade múltipla que o coloca no espaço intervalar entre culturas. Além dos espaços reais percorridos pelo personagem, ele também busca fugir do ambiente bárbaro através da leitura de romances ambientados em Veneza, aos quais tem acesso por intermédio do dentista da região. Após uma temporada vivida na selva, o protagonista volta a morar junto à comunidade ribeirinha. Com a vinda de estrangeiros para praticar a caça, um deles mata um filhote de onça e a mãe do animal morto passa a ser temida pela comunidade. Inicia-se assim, a caça pela onça por alguns moradores da região. A narrativa tem seu ápice no momento em que o personagem António Proaño é chamado para realizar o abate do animal e coloca em prática a ética adquirida no convívio com o povo indígena Shuar.

É interessante destacar que o autor tem uma relação de proximidade com a Amazônia e, em função disso, a obra demonstra o seu olhar sobre o local, pois

“durante um período de sete meses, Sepúlveda viveu no Equador no seio da comunidade dos índios Shuar, participando numa missão de estudo da UNESCO, que tinha como objetivo estudar o impacto da colonização na forma de vida deste povo” (RITZEL, 2016, p. 10). Desta forma, por meio da ficção, o autor narra a realidade amazônica a partir do ponto de vista do “outro”. Primeiramente Sepúlveda procura fazer uma descrição da selva sob a perspectiva dos primeiros ribeirinhos que chegavam à região. Em um segundo momento, por meio do deslocamento do personagem Antonio Proaño, mostra a selva sob a perspectiva indígena. Dessa forma, diferentes pontos de vista são apresentados, já que intercala a representação da selva entre o inferno verde e o espaço de construção de relações entre diferenças.

Considerando a trama da obra e as representações nela contidas, o objetivo desse trabalho é analisar o deslocamento do protagonista do romance que encontra na selva amazônica espaço para sua construção identitária híbrida. A análise partirá da caracterização da selva amazônica como espaço simbólico e do protagonista como migrante, de constituição identitária rizomática que se constitui no entre-lugar (Santiago) e no caos mundo (Glissant).

A SELVA AMAZÔNICA COMO ESPAÇO DE DESLOCAMENTO

Dentro da noção de espaço aplicado aos estudos literários temos o espaço social e o espaço simbólico (também nominado “espaço abstrato” ou “espaço representacional” em sentido aproximado). A respeito do espaço simbólico podemos dizer que “os espaços de representação apresentam (com ou sem código) simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que eventualmente poder-se-ia definir não como código do espaço, mas como código dos espaços de representação” (LEFEBVRE, 2006, p. 59). Dessa forma, os espaços representacionais são espaços simbólicos, pois ultrapassam o mundo ou a vida social e apresentam códigos que projetam outra visão de mundo além do concreto.

A Amazônia, como espaço narrativo, funciona como símbolo uma vez que é uma construção que vem sendo engendrada através do imaginário coletivo desde os primeiros relatos dos descobridores. Segundo Ritzel (2016), no capítulo *Visões da Invenção* de sua dissertação que descreve o processo histórico de construção da ideia de Amazônia:

[a Amazônia] na concepção de Steinbrenner é uma “invenção” termo usado inicialmente em 1974 pelo professor Armando Mendes em seu livro *A invenção da Amazônia*, depois assumido por Gondim (1994), uma invenção, apontada de forma unânime a partir do olhar de fora para dentro do viajante. (2016, p. 22)

De acordo com Pizarro (2006), para o povo latino-americano, o espaço da Amazônia não é apenas de um reservatório ecológico, mas também um reservatório cultural que preenche o imaginário ocidental com suas lendas e mistérios, além de ser uma das áreas mais vastas que compreende nove países: Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. Com suas riquezas míticas e materiais (como ouro, esmeraldas e diamantes), a Amazônia passa a conviver com expedições, principalmente espanholas e portuguesas, que contribuíram para sua multiculturalidade.

Historicamente, podemos apontar que os movimentos migratórios fazem parte da composição cultural das Américas desde seu “descobrimento” e que os fluxos migratórios internos dos povos nômades é realidade ainda mais progressa. O fluxo de europeus e o processo colonizador tornaram os países americanos um espaço de hibridações culturais que se desdobram até nossos dias. A escrita em deslocamento historicamente esteve presente na literatura latino-americana. Tanto escritores estrangeiros cantaram as terras americanas, quanto autores americanos produziram fora de seus países, colocando em debate noções espaciais e identitárias.

Essa vasta região sofreu grandes mudanças em meados do século XX com o processo de urbanização. A exploração econômica da selva amazônica povoou lugares cada vez mais longínquos na busca pela extração dos recursos naturais com colonos oriundos das mais diferentes origens. Em função disso a Amazônia tornou-se um “reservatório cultural” repleto de história e cultura composto pela composição

multicultural, sendo o berço da diversidade. “Durante a segunda metade desse período, mais precisamente a partir dos anos 1970, começou lentamente a ganhar relevância e ser levada em consideração a percepção da diversidade continental.” (PIZARRO, 2012, p. 19)

É importante observar que a partir desse fluxo de pessoas, a Amazônia é retratada e construída enquanto espaço simbólico por aqueles que pertencem a esse ambiente e também por aqueles que passam por ele, o “Estrangeiro”, como afirma Pizarro (2012),

Os discursos escritos sobre a Amazônia apresentam, frente aos demais discursos da América Latina, a especificidade do fluvial. Na maioria das vezes, são discursos conduzidos pela navegação, tanto no caso dos descobridores, ou aqueles em que a água aparece como instancia prévia e se introduz em seu curso, quanto no caso dos exploradores científicos. (p. 18)

Segundo Pizarro (2012), o espaço amazônico é um espaço percebido como um lugar distante do desenvolvimento, apesar de ter sido um dos primeiros da América Latina a se modernizar, durante o período da borracha. Ela também salienta que a Amazônia

[...] revela formas de miscigenação cultural que não têm comparação no continente, assim como uma infinita diversidade de formas de vida humana e relações com a natureza, que nos permite imaginar polos de referência na visualização de um mundo no qual se possa recolocar o homem numa relação de equilíbrio com ela, no centro da ação humana. (PIZARRO, 2012, p. 20)

Conforme evidencia a citação acima, a Amazônia é composta por diversos grupos de pessoas e diversas formas de vida. Segundo a mesma autora, o conceito de nação que se aplica a essa realidade é o de “nação no sentido figurado, de uma área cultural formada por oito países que compartilham referentes comuns, tendo como centro o rio e a selva.” (PIZARRO, 2012, p. 18) Dessa forma, a Amazônia além de contar com as identidades de grupos locais de diferentes países, também tem a presença de migrantes dado o intenso fluxo de pessoas. Com esse contato de brancos e indígenas, podemos identificar diferentes traços identitários nos moradores, como é o caso de Antonio Proaño que possui traços de branco e, devido ao seu contato com os índios Shuar, também possui costumes indígenas. Para a

autora, “conhecer a Amazônia em seus traços identitários é uma forma de colaborar com sua auto-identificação.” (PIZARRO, 2006, p. 101)

As descrições da natureza exuberante e dos costumes bárbaros fazem parte dos relatos daqueles que se dedicavam a descrever a Amazônia através dos relatos de expedições desde seu ‘descobrimento’. Conforme Pizarro: “Durante muito tempo a importância de diversos mitos relacionados à barbárie impediu o surgimento de um olhar de natureza cultural [...]” (PIZARRO, 2012, p. 23). Tal afirmativa corrobora com a visão que temos da Amazônia como um espaço selvagem que sublinha o imperativo natural sobre os costumes. A visão que temos do espaço amazônico advém da visão do outro, ou seja, por meio dos relatos das expedições temos conhecimento de como é constituído e simbolizado esse espaço. Os relatos fazem parte das primeiras construções desse imaginário, que se refletem nas escritas até nossos dias.

Outro fator determinante no reconhecimento da Amazônia enquanto espaço simbólico é a presença da selva na descrição do espaço e no imaginário coletivo. A selva é retratada na literatura sempre como um espaço desconhecido, que representa sempre um outro a ser temido ou dominado, como explica Bacchini (2017):

A selva americana, tal como a compreende Aínsa (2006), foi lida como um *locus* eufórico (a Arcadia, o Jardim do Éden e o Paraíso Perdido e inviolado, templo do divino) ou disfórico (o inferno verde, a prisão ou o labirinto vegetal que acaba por devorar aquele que a penetra).

Estas visões têm suas consequências: a idealização da selva impede ver suas inter-relações e tensões, enquanto que sua demonização, no desejo de domínio da natureza, conduz a uma impossibilidade de conciliação/reconhecimento da alteridade (a selva e seus habitantes), pois, ou a coloniza e a subjuga ou é devorado por ela, dissolvendo-se a identidade. (p. 25. Tradução nossa)¹

¹ Cf. Original: La selva americana, tal como lo comprende Aínsa (2006), ha sido leída como un *locus* eufórico (la Arcadia, el Jardín del Edén y el Paraíso Perdido e inviolado, templo de lo divino) o disfórico (el infierno verde, la cárcel o el laberinto vegetal que acaba por devorar al que se adentra en ella).

Estas visiones tienen sus consecuencias: la idealización de la selva impide ver sus interrelaciones y tensiones, mientras que su demonización, en el deseo de dominio de la naturaleza, conduce a una imposibilidad de conciliación/ reconocimiento con la otredad (la selva y sus habitantes), pues, o se la coloniza y subyuga o se es devorado por ella, disolviéndose la identidad.

De acordo com Pizarro (2012), “a selva é uma espécie de *basso continuo* nos imaginários da Amazônia, uma presença inquietante que sempre está latente no discurso oral e no texto escrito, como espaço, como figura, como ruído ou como silêncio.” (p. 176).

PROAÑO NO DESLOCAMENTO ENTRE CULTURAS

O romance de Sepúlveda apresenta a diversidade cultural da Amazônia sob a perspectiva do personagem Antonio Jose Bolívar Proaño, um ribeirinho vindo de outra localidade que constrói sua identidade a partir do deslocamento cultural. Antonio é o “outro” que passeia pelo rio Nangaritzza, compondo a Amazônia e sua diversa cultura. O personagem transita em diferentes espaços que compõem a Amazônia, como bem aponta Silva (2019) quando caracteriza os espaços “Amazônia dos Índios”, “Amazônia dos Ribeirinhos” e “Amazônia Veneza” como aqueles pelos quais o personagem compõe sua identidade multicultural. Nessa perspectiva, a Amazônia vivida pelo protagonista é caracterizada pela selva que evidencia a dicotomia civilização e barbárie, pelo rio que aponta o deslocamento como fator constitutivo das identidades individuais e coletivas e pelos livros lidos pelo personagem que dão a ele a possibilidade de evasão do espaço material e circundante.

No romance temos representado o sujeito que transita em diferentes meios culturais sem pertencer a nenhum deles. O deslocamento empreendido pelo protagonista inicia como uma forma de fuga de sua cidade natal. Segundo Lotero (2017) “Mais que a busca por uma vida melhor, a partida de Bolívar Proaño é uma fuga, escape das convenções sociais de sua comunidade e do peso que deve carregar ao não cumpri-las.” (p. 72. Tradução nossa)² Quando chega no vilarejo ribeirinho El Idilio na condição de colono vivencia o embate com o espaço natural, com a selva que impõe suas regras. Nessa passagem do romance, a visão da selva enquanto aquela que devora e aniquila predomina, corroborando com o imaginário

² Cf. Original: Más que una búsqueda de una mejor vida, la partida de Bolívar Proaño es una huida, escape de las convenciones sociales de su comunidad y del peso que debe cargar al no cumplirlas.

que temos a partir dos relatos de expedições. Observamos essa representação da selva quando o autor expõe o início da vida dos colonos na Amazônia:

Isolados pelas chuvas, por aqueles vendavais que não conheciam, foram consumidos pelo desespero de saber que estavam condenados a esperar um milagre, contemplando a inundação incessante do rio e sua passagem arrastando troncos e animais inchados. Os primeiros colonos começaram a morrer. Alguns, por comer frutas desconhecidas; outros, atacados por febres rápidas e fulminantes; outros desapareceram na longa barriga de uma jiboia, que primeiro os envolvia, esmagando-os e depois os engolia em um processo longo e horripilante de ingestão. (SEPÚLVEDA, 2000, p. 42)

Diante desse trecho, notamos a dificuldade de adaptação dos primeiros colonos ao espaço amazônico. Conforme Sepúlveda, eles “se sentiam perdidos (...). Queriam se vingar daquela região maldita, do inferno verde que os tirava o amor e os sonhos.” (SEPÚLVEDA, 2000, p. 43-44) Para esses recém-chegados habitantes, a Amazônia se mostrava um lugar de dificuldades e   retratada como lugar selvático.

Após a morte de muitos dos migrantes, pois a selva acabou com os homens brancos que tentaram adentrar nesse universo, chegou a salvação, como   descrita a aproximação entre colonos e indígenas no romance: “(...) até que a salvação chegou com o surgimento de uns homens seminus, de rostos pintados com polpa de urucum e adornos multicoloridos nas cabeças e nos braços.” (SEPÚLVEDA, 1993, p. 29) Os indígenas Shuar ensinaram aos colonos como viver na selva e, após a morte da esposa de Proa o, ele decide viver junto ao povo Shuar. Como bem salienta Lotero (2017), é nesse momento que a viagem de fuga se transforma em uma viagem de conhecimento:

Este lhe permite conhecer, por um lado, a cultura shuar: Bolívar Proa o aprende seu idioma, suas técnicas de caça, participa de suas celebrações, conhece o amor com eles, etc.; e , por outro lado, conhece a selva: seus ciclos, seu comportamento, a vida nela. Tudo isso termina transformando radicalmente Bolívar Proa o: ‘A vida na selva temperou cada detalhe de seu corpo. Adquiriu músculos felinos, que com o passar dos anos se tornaram rijos. Sabia tanto da selva quanto um shuar. Era tão bom rastreador quanto um shuar. Nadava tão bem quanto um shuar. Definitivamente, era como um deles, m  não era um deles’. [1993, p. 34] Em outras palavras, se transforma física e espiritualmente, o que lhe impede de odiar a selva, já que nela se descobre livre e a vontade, a ponto

de aprender a ama-la e transforma-la em seu habitat. (LOTERO, 2017, p. 73. Tradução nossa)³

A partir desse deslocamento do protagonista há uma mudança na perspectiva da narração. Ele estabelece uma nova relação com os indígenas e com a selva amazônica, como bem salienta Bacchini (2017):

A selva deixa de ser o inverno verde o a prisão vegetal para transformar-se, novamente, no Paraíso. A floresta sutura a carência de nosso protagonista, porque, quanto mais ele se embrenha em suas profundidades, mais ela lhe ajuda a se esquecer de seu ser branco e a viver em liberdade, através de uma relação de inter reciprocidade entre as espécies. (p. 26. Tradução nossa)⁴

A selva agora é retratada a partir dos costumes e tradições indígenas, os habitantes primários dessa região. Os índios Shuar são descritos na narrativa e suas complexas relações com a comunidade ribeirinha são retratadas na trama. Eles são descritos como os verdadeiros conhecedores da Amazônia, por isso a convivência que Antonio Proaño teve com os índios foi um dos principais fatores para a constituição de sua identidade multicultural, visto que pouco a pouco o personagem torna-se conhecedor da Amazônia e dos costumes indígenas, como descreve a passagem da obra: “aprendeu o idioma Shuar participando com eles das caças. Caçavam antas, pacas, capivaras, catetos, pequenos javalis de carne saborosíssima, macacos, aves e répteis. Aprendeu a usar a zarabatana, silenciosa e eficaz na caça, e a lança ante os velozes peixes.” (SEPÚLVEDA, 1993, p. 30)

Porém, de forma repetida, a narrativa aponta que por mais que ele vivesse na tribo, efetivamente não era visto como um shuar. Mesmo havendo uma identificação

³ Cf original: Este le permite conocer, por un lado, a la cultura shuar: Bolívar Proaño aprende su idioma, sus técnicas de caza, participa en sus celebraciones, conoce el amor con ellos, etc.; y, por otro lado, conoce la selva: sus ciclos, su comportamiento, la vida en ella. Todo esto termina transformando radicalmente a Bolívar Proaño: «La vida en la selva templó cada detalle de su cuerpo. Adquirió músculos felinos que con el paso de los años se volvieron correosos. Sabía tanto de la selva como un shuar. Era tan buen rastreador como un shuar. Nadaba también como un shuar. En definitiva, era como uno de ellos, pero no era uno de ellos». En otras palabras, se transforma física y espiritualmente, lo cual le impide odiar a la selva, pues en ella se descubre libre y a gusto, hasta el punto de aprender a amarla y hacerla su hábitat.

⁴ Cf original: La selva pasa de ser el infierno verde o la cárcel vegetal a convertirse, nuevamente, en un Paraíso. La jungla sutura la carencia de nuestro protagonista, porque, cuanto más se interna en sus profundidades, más le ayuda a olvidarse de su ser blanco y a vivir en libertad, a través de una relación de interreciprocidad entre las especies.

com o povo e sendo aceito por eles, Antonio Proaño continuava a ser visto como um estranho pelos nativos, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Não era um deles, portanto, não podia ter esposas. Mas era como um deles, de tal maneira que o shuar anfitrião, durante a estação das chuvas, lhe rogava que aceitasse uma de suas mulheres para maior orgulho de sua casta e de sua casa. (SEPÚLVEDA, 1993, p. 35)

No decorrer da narrativa, Proaño acaba por incorrer em um falta dentro da ética shuar e é expulso da comunidade, pois mata um homem branco fora do ritual shuar. A partir de então volta a viver na comunidade ribeirinha. Entre os ribeirinhos é visto como um selvagem e quando necessitam de alguém que possa matar a onça que está amedrontando a cidade, buscam por aquele que conhece as leis da selva e os hábitos dos animais selvagens.

A caçada pela onça se dá seguindo a ética Shuar. No entanto utiliza a arma de fogo. Entre os membros da expedição, por fim só resta Proaño, pois os outros brancos não resistem ao inferno verde. Ele, diferentemente, transita nos dois mundos e a selva não é mais o espaço outro, que representa a morte e o desconhecido. A dança da caça entre ele e a onça se dá de forma muito simbólica e sem superioridade de forças a nenhum dos lados. Como ele afirma em dado momento: “Estavam iguais. Os dois feridos.” (SEPÚLVEDA, 1993, p. 93) Nesse momento sua identidade multicultural é evidenciada, pois não sabe em qual idioma se comunica, e a relação entre a civilização e a barbárie invertida. Segundo Bacchini (2017) “o que une Proaño a selva é sua intenção de conciliar as duas forças, a civilizada - que terá de carregar por toda a vida – e a selvagem - proveniente de suas experiências com os indígenas”. (p. 26. Tradução nossa.)⁵ A partir do conhecimento dos dois mundos o personagem percebe que ele não foi vencedor da batalha, mas sim mais um participante da barbárie humana.

A narração nos aponta que adentrar em um novo universo cultural não é tarefa simples e nosso personagem viverá, a partir desde movimento, choques culturais que redirecionarão sua composição identitária. A figura do “outro” é

⁵ Cf original: [...] lo que une a Proaño con la selva es su intento de conciliar ambas fuerzas, la civilizada - que tendrá que cargar toda su vida - y la salvaje - proveniente de sus experiencias con los indígenas.

percebida enquanto diferença. Para entender a “diferença” precisa-se entender o que é igual, o idêntico, que compartilha da mesma identidade. Nessa perspectiva, a identidade e a diferença “são vistas como mutuamente determinadas” (SILVA, 2005, p. 77). Segundo Taylor, “minha própria identidade depende vitalmente de minhas relações dialógicas com os outros.” (TAYLOR, 1994, p. 52 apud FIGUEIREDO; NORONHA, 2005, p. 191) Constantemente os traços identitários de Bolívar Proaño sofrem algum tipo de alteração em decorrência de sua interação com os espaços presentes na narrativa. Os deslocamentos do personagem compõem sua identidade multicultural e híbrida. Originário de “[...] São Luis, um povoado serrano vizinho ao vulcão Imbadura.” (SEPÚLVEDA, 1993, p. 26), comunidade em que Antonio Jose Bolívar Proaño nasce e vive durante sua infância, ele se desloca até El Edilio e, posteriormente, até a comunidade indígena. O índio Shuar é caracterizado na narrativa como, “altivo e orgulhoso, conhecedor das secretas regiões amazônicas” (SEPÚLVEDA, 1993, p. 10). Por fim volta a viver em uma comunidade ribeirinha situada às bordas do rio Nangaritza, de onde Antonio Proaño “lia na solidão de sua cabana em frente ao rio” (SEPÚLVEDA, 1993, p. 22). Nesse contexto, o personagem move-se dentro de diferentes espaços culturais e constrói-se a partir do trânsito entre eles.

Os deslocamentos empreendidos pelo protagonista fazem dele um migrante que se desloca na região amazônica, o que marca sua composição identitária por relações sempre conflituosas de identificação e rejeição dos diferentes espaços e costumes. O que está em pauta é a relação que se estabelece com o outro que conforma sua identidade sempre em construção. Em sua tese de doutorado, Berlage (2014) citando o trabalho de S. Frank *Migration and literature* (2008), aponta temas e aspectos formais que são comuns na literatura da migração.

Portanto, desde um ponto de vista temático, esta literatura se dedicaria à questão identitária – seja ela humana, cultural ou nacional – e ao processo de globalização que a atinge, que pode ser destrutivo ou doloroso, mas também fascinante. (Frank, 2008). Neste âmbito, muitas dessas obras funcionariam como reescrita da identidade com o fim de evocar seu carácter necessariamente impuro e heterogêneo. Com relação a sua forma estilística, a literatura de migração se destacaria especialmente pela

multiplicidade de linhas narrativas, de discursos, de estilos, de perspectivas e também de linguagens. (BERLAGE, 2014, p. 89. Tradução nossa)⁶

A relação com o outro é tema de destaque desde os estudos vanguardistas. Entre os estudos teóricos latino-americanos, a antropofagia adquire maior força simbólica desde que Silviano Santiago, em seu célebre artigo *O entre-lugar no discurso latino-americano*, de 1971, desloca o termo de seu contexto vanguardista e o recoloca dentro dos estudos pós-coloniais. Nesse antológico ensaio, Santiago propõe uma subversão da hierarquia entre colonizador e colonizado, entre original e cópia, exercitando a “imaginação do paradoxo” que caracteriza seu trabalho. Propõe um espaço intervalar em que o processo de apropriação da cultura ocidental ocorre em perspectiva diferencial e o estilhaçamento dos conceitos de “unidade” e de “pureza” (SANTIAGO, 2000).

A partir da noção de entre-lugar de Silviano Santiago, as identidades se engendram na relação e no espaço da impureza. Assim como Santiago, Glissant (2005) propõe o caos-mundo como forma de identidade em contato com o outro, o definindo como “[...] o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos povos na totalidade-mundo contemporânea.” (2005, p. 98) Desta maneira propõe a mistura cultural como uma dinâmica relacional que sempre ocorreu e continuará existindo tendo como principio a imprevisibilidade. Aponta também a necessidade de se pensar as identidades a partir da noção rizomática de Deleuze, já que

[...] as identidades são conquistas da modernidade – conquista dolorosas porque sua busca não terminou. E em toda a superfície do planeta há conflitos, focos de desolação que contradizem esse movimento das identidades. Mas há também um movimento que caracterizo da seguinte forma: as identidades de raiz única aos poucos sedem lugar as identidades – relações, ou seja às identidades – rizomas. Não se trata de desenraizar, mas sim de conceber a raiz como menos intolerante, menos sectária: uma identidade raiz que não mata à sua volta, mas que ao contrario estende suas ramificações em direção aos outros. (GLISSANT, 2005, p. 154)

⁶ Cf original: Así pues, desde un punto de vista temático, esta literatura se dedicaría a la cuestión identitaria - ya sea humana, cultural o nacional – y al proceso de globalización que la atañe, que puede ser destructivo o doloroso pero también fascinante. (Frank, 2008). En este ámbito, muchas de esas obras funcionarían como reescritura de la identidad con el fin de evocar su carácter necesariamente impuro y heterogéneo. En cuanto a su forma estilística, la literatura de la migración se destacaría especialmente por la multiplicidad de líneas narrativas, de discursos y de estilos, de perspectivas y también de lenguajes.”

As teorizações que apontaram para a composição impura da identidade americana também desconstruíram o conceito de nação, que está diretamente implicado na concepção de caos-mundo e na de identidade rizomática. Sobre o tema Glissant afirma que nação passa a assumir muito mais um conteúdo cultural que estatal, militar, econômico e político. O deslocamento das noções de nação e espaço, assim como de identidade, encaminham os estudos a uma flexibilização e ampliação na abordagem dos temas. Em contextos transnacionais, o que é possível observar é que a realidade das interações globalizadas e dos grandes fluxos, sejam eles caracterizados como compulsórios ou voluntários, reformatam a abordagem das temáticas identitárias e nacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A selva amazônica, como foi possível demonstrar, se caracteriza por esse espaço impuro e disforme denominado entre-lugar (SANTIAGO, 2000) e local de convivência no caos mundo (GLISSANT, 2005) da América Latina. Cenário para um migrante que descobre no trânsito seu traço identitário já que

A viagem que este personagem empreende não é uma viagem-busca, com a qual se quer levar a cabo a fundação de um novo território. Se aproxima mais de uma viagem de fuga que se transforma em uma viagem de conhecimento, que o leva ao descobrimento de um espaço civilizado, sustentável, em que os recursos são administrados de maneira adequada e, por isso mesmo, um espaço que necessita ser protegido [...] Bolívar Proaño não vence nem conquista a selva, na verdade se deixa conquistar por ela, o que lhe permite percorre-la segundo seu desejo. (LOTERO, 2017, p. 75. Tradução nossa)⁷

Nesse transcurso, Proaño vive o estado intervalar, a posição de se deslocar entre vários espaços culturais ao mesmo tempo em que não pertence a nenhum deles. Segundo Mendes, a região amazônica é um local de “relações identitárias e transitórias, portanto, marcadas pelo nomadismo sempre, que se deixam interpretar

⁷ Cf original: El viaje que emprende este personaje no es un viaje-búsqueda con el que se quiera llevar a cabo la fundación de un nuevo territorio. Es más bien un viaje de huida que se convierte en viaje de conocimiento, y este lo lleva al descubrimiento de un espacio civilizado, sostenible, en el que los recursos se administran de manera adecuada y, por esto mismo, un espacio que necesita ser protegido [...] Bolívar Proaño no vence ni conquista la selva, más bien se deja conquistar por ella, esto le permite transitar en ella a su antojo.

pela pluralidade de diversos cruzamentos culturais” (MENDES, citado em RITZEL, 2016, p. 33). Ao tomar tal citação como referência, notamos que as relações de deslocamentos na obra compõem o processo de construção da identidade rizomática do personagem nos diferentes espaços pelos quais ele percorre.

O conhecimento adquirido na selva e sobre a selva permite que o personagem se relacione com esse espaço e essa cultura, reconhecendo as diferenças e buscando nelas pontos de conexão e identificação. Desta forma a selva amazônica primeiramente é vista como espaço de rejeição pelo personagem, mas assim que decide abrir-se ao desconhecido, encontra elementos de identificação na cultura Shuar. A identidade do personagem Antonio Proaño, representante de todos os migrantes da região, é construída a partir da consciência das distâncias existentes entre as diferentes culturas que compõe o universo cultural amazônico e do reconhecimento da composição cultural híbrida enquanto caracterização de uma comunidade transcultural e transnacional.

REFERÊNCIAS

BACCHINI, Florencia. Mítica ecológica: selvas y héroes contemporáneos. In: AVALOS, Ana; KWIECIEN, Martín Tapia (org.). *Los discursos sobre la ecología y el medioambiente desde una perspectiva ecocrítica e interdisciplinaria*. Actas de las IV Jornadas Internacionales de Ecología y Lenguajes 2015 - Ecolenguas. Tomo II, Córdoba: Facultad de Lenguas, Universidad Nacional de Córdoba. 2017.

BERLAGE, Pauline. *Las políticas de representación del género en la escritura de la migración latinoamericana: un análisis comparativo de El Camino a Itaca, de C. Liscano; Arbol de Luna de J.C. Méndez Guédez; The Brief Wondrous Life of Oscar Wao, de J Díaz*. Tese Universidade Autônoma de Barcelona - Programa de Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. 2014.

FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Barros e Sérgio Martins. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.



LOTERO, Claudia Marcela Paéz. Un Viejo que leía novelas de amor o la aventura de una identidad en construcción. In: CRESPO-VILA, Raquel; PASTOR, Sheila. *Dimensiones: el espacio y sus significados en la literatura hispánica*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2017.

PIZARRO, A. *Amazônia: as vozes do rio*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

PIZARRO, A. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

RITZEL, L. M. de S. *Pós-colonialismo na literatura sobre a Amazônia: uma análise da obra Um velho que lia romances de amor, de Luis Sepúlveda*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários). Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEPÚLVEDA, L. *Un viejo que leía novelas de amor*. Barcelona: Tusquets, 2000.

SEPÚLVEDA, L. *Um velho que lia romances de amor*. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Patricia Lima da. A Amazônia como espaço simbólico em Un Viejo Que Leía Novelas de Amor, de Luís Sepúlveda. *Scripta Alumni - Uniandrade*, n. 22, 2019.
ISSN: 1984-6614. Disponível em:
<<http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>>